



VIOLAS, ROCK E SERTÃO: ZÉ RAMALHO E UM CURRÍCULO PARA MASCULINIDADES NORDESTINAS

Eixo Temático 23 – Masculinidades e feminilidades: tensionamentos e possibilidades no espaço escolar e não escolar

Alcidesio Oliveira da Silva Junior ¹

RESUMO

O artigo investiga como as músicas do cantor paraibano Zé Ramalho atuam como currículos culturais que constroem e difundem discursos sobre masculinidades nordestinas. Ancorado nos Estudos Culturais em Educação e na análise foucaultiana do discurso, foram analisadas 29 canções do repertório do cantor, a partir das quais se identifica reforço aos modelos hegemônicos de masculinidade, marcados por coragem, virilidade e heterossexualidade. Esses discursos produzem subjetividades e enquadram modos legítimos de ser homem no Nordeste, operando como um currículo-moldura que invisibiliza outras formas de masculinidade e reforça normas de gênero através da cultura popular.

Palavras-chave: Currículo, Estudos Culturais em Educação; Música Popular Brasileira, Masculinidades, Gênero.

INTRODUÇÃO

A música popular brasileira é uma expressão cultural carregada de significados sobre a vida em sociedade. Junto a outros artefatos culturais como novelas, filmes, contos literários, poemas, literatura de cordel, etc., as canções, em seus mais variados estilos e propostas, são um material profícuo de análise para pensarmos sobre os modos como certos comportamentos sociais, hábitos e valores podem ser construídos.

Reiterados e/ou se transformando ao longo da história da cultura brasileira, os significados são parte de um território de contestação, manutenção e (re)negociação de sentidos, configurando-se como um repertório de posições de sujeito que são assumidas

¹ Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE/UEPB/CNPq), ateneu7@gmail.com

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Lusa-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

e que produzem identidades, gêneros e subjetividades significados emergem através de formações discursivas que tecidas em meio às relações de poder, narram os modos legítimos de vida, os saberes creíveis e os princípios que deveríamos assumir para um determinado reconhecimento social.

Neste texto, que é parte dos resultados iniciais de um projeto de pesquisa sobre artefatos culturais da/na Paraíba que tem sido alvo das minhas investigações recentes na Universidade Estadual da Paraíba, volto-me às músicas do cantor, compositor e músico paraibano Zé Ramalho. Nascido no Brejo da Cruz em 1949, Zé Ramalho é um dos maiores representantes da música nordestina, começou a sua vida artística escrevendo versos de cordel na infância, fato que marcou sua forma de compor até os dias de hoje. Misturando rock, blues, forró, frevo, dentre outros estilos musicais, o cantor despontou na cena musical brasileira na década de 1970, sendo o canto falado, os versos discursivos, a temática política e a utilização de instrumentos da cultura popular algumas de suas características (Alves, 2008).

Por meio de suas composições, melodias e performances, certos modos de comportamento são legitimados e naturalizados, enquanto outros são marginalizados e negados. Com base nas teorizações pós-críticas de currículo, busco, nesta pesquisa, explorar as canções do músico paraibano Zé Ramalho com o objetivo de compreender os discursos sobre masculinidade que configuram um modo de ser homem nordestino. Essas teorizações ampliam os olhares para outros espaços não-escolares onde pedagogias também se movimentam na constituição de subjetividades.

METODOLOGIA

Para empreender uma investigação dos discursos sobre masculinidades nas canções de Zé Ramalho, o pensamento do filósofo francês Michel Foucault mostrou-se fecundo. Não há na pesquisa uma preocupação sobre a origem destes discursos, a sua fonte primária ou sua natureza *mater*. O que me interessa, à luz de Foucault (1997, p. 28), é justamente tratar o discurso “no jogo de sua instância”. É vasculhar nas canções de Zé Ramalho o aparecimento disperso de enunciados que, mais do que representar o homem nordestino, o produz no momento de sua enunciação.

A metodologia da análise do discurso trata-se de “[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Raça e Sustentabilidade

existência, de fixar seus limites da cultura, mais especificamente de Foucault (1997, p. 31), “de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui”. Ao observar as regularidades entre os vários trechos das músicas de Zé Ramalho, os modos de se pensar e narrar o homem nordestino, podemos evidenciar uma certa “ordem do discurso” (Foucault, 2014) que dá permissividade para que certos trejeitos, comportamentos, vestimentas, desejos e afetos, de homens e mulheres, por estratégia de diferenciação, sejam produzidos continuamente na cultura.

Foram escolhidas 29 canções de Zé Ramalho que apontavam, de forma direta ou sutil, características atribuídas a homens e mulheres. São modos de narrar as masculinidades e as feminilidades que atribuem limites entre estas diferenças, tal como um enquadramento social que é, de veras, pedagógico. Em outra pesquisa (Silva Junior, 2023), chamei este movimento de *currículo-moldura* por estabelecer aprendizagens que são limitadas a modelos que sufocam as diferenças em locais de marginalização. Pelos limites do texto, procurarei trazer neste artigo apenas as considerações (cantadas) do cantor sobre as masculinidades, embora eu admita que não consigamos pensar ou produzir as identidades de gênero sem os processos de diferenciação e hierarquização, conforme já mencionei.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa se inspira nas teorias pós-críticas de currículo, especialmente nos Estudos Culturais em Educação e nos estudos de gênero e sexualidade, partindo do entendimento de que há pedagogias e currículos que se organizam, se produzem e se disseminam em instâncias da cultura. As redes de poder, ao mesmo tempo constituidoras e constituídas por saberes específicos, legitimam modos de vida e promovem aprendizagens que não se limitam aos espaços institucionais da educação. Incorporamos, negociamos, contestamos ideias, princípios e valores que, pela força da repetição e dos signos, nos subjetivam e constroem as nossas identidades sociais.

Esses espaços culturais funcionam como “[...] dobradiças pedagógicas sobre as quais as realidades externas se voltam e se estendem aos nossos sentidos internos de realidade” (Ellsworth, 2005, p. 51), criando sentidos pessoais e posições valorativas no mundo. Os Estudos Culturais em Educação, em sua presença anti/pós/transdisciplinar

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

entre os campos de conhecimento, gênero, saúde e sustentabilidade, teorias da comunicação com as teorias pedagógicas, permitindo-nos inventar novas lentes sobre objetos de estudo até então ignorados pela educação.

Argumento que “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (Silva, 2017, p. 139), dando-nos possibilidade de perceber a expansão dos currículos da/na cultura. Todo currículo está inscrito em uma pedagogia, e esta, “[...] é centralmente envolvida com a vontade de dirigir, conduzir e governar condutas”, nos diz Camozzato (2012, p. 71), e “[...] se os lugares para isso têm se multiplicado intensamente, também ela pode ser vista como se desdobrando para abarcar essa multiplicidade”. Neste ponto, governo, pedagogia e currículo se entrelaçam no patamar de produção de subjetividades, nas formas como nós nos relacionamos conosco mesmos e com o mundo.

As formas como as masculinidades e as feminilidades são construídas também se dão nos currículos culturais. Pelo viés construcionista de gênero, assumido nesta pesquisa, aprendemos, em meio aos enunciados performativos (Butler, 2018), como homens e mulheres devem se comportar, vestir, falar e/ou desejar. São como adereços de carnaval que grudam nos corpos em atos cotidianos, marcas culturais que ficam na superfície da pele (Silva Junior, 2021), mas com vontade de naturalização e essencialização.

A masculinidade hegemônica, que será analisada através das canções de Zé Ramalho, é um padrão do dever ser dos homens que se impõe sobre masculinidades vistas como subordinadas (Olavarría, 2009). Em cruzamento com as geografias (regiões, em especial), a localização impõe relações ainda mais estreitas com a produção de gênero e sexualidade. Uma geografia “que nos marca e nos demarca” (Albuquerque Jr., 1996) também narra sobre modos como homens devem se comportar para serem aceitos socialmente.

Coragem, potência sexual, virilidade, violência, são algumas marcas culturais e subjetivas esperadas para os homens nordestinos, o que contrastaria com o desejado para as mulheres da mesma região. Como produtos do discurso, a masculinidade, foco desta pesquisa, vai carregar uma profunda implicação com a nordestinidade, que é “[...] constituída por um conjunto de significados, símbolos e eventos que tornaram dizíveis e visíveis tanto esse recorte espacial quanto essa identidade regional” (Maknamara, 2011, p. 31).

Em muitas músicas de Zé Ramalho “[...] aparecem expressões da fala cotidiana do sertanejo, referências a crenças populares, além da presença de manifestações da cultura popular como o cordel e as cantorias” (Gomes, 2012, p. 67). Analisar suas canções nos mostra como determinados modos de ser homem, e de ser homem nordestino, especialmente, se reiteram nos discursos de um currículo voltado para a produção de masculinidades nordestinas.

Em “Mulher nova, bonita e carinhosa”, “Digitado em poesia” e “Meninos do Sertão”, o cantor exalta a figura de Virgulino Ferreira, famoso cangaceiro pernambucano conhecido como Lampião. Destacando que este era o “*bandoleiro das selvas nordestinas/sem temer o perigo nem ruínas/foi o rei do cangaço no sertão*” e que o Nordeste é “*terra de cabra da peste de Silvino e Lampião*”, os discursos nas canções reforçam estereótipos do homem nordestino ligados à violência, à força e à coragem, vinculados à imagem de Lampião.

O homem nordestino corajoso também se apresenta em enunciados como “*aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar*” e “*boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte*” da música “Disparada”. Frente às agruras da vida sofrida do sertão, essas masculinidades se constroem sob a base da coragem em enfrentar as dificuldades, tal como um boiadeiro na dura lida cotidiana, outra figura repetida em cordeis, fotografias e músicas de outros/as artistas brasileiros ao se referirem ao Nordeste. É uma profusão de posições de sujeito que são assumidas por homens como regimes de verdade, aceitabilidades para o reconhecimento social. Uma “[...] *crystalização existencial*, uma configuração mais ou menos estável, repertório de jeitos, gestos, procedimentos, figuras que se repetem, como num ritual” (Rolnik, 1989, p. 27, grifo da autora).

Analisando os enquadramentos sociais de um filme latino-americano (Silva Junior, 2023), o conceito de *currículo-moldura*, que surgiu desta cartografia, me foi interessante para pensar nestes modelos enrijecidos nos quais somos colocados/as para uma visibilidade legitimada. As músicas analisadas de Zé Ramalho também dão mostras do funcionamento deste currículo que “secciona o que convém ser visível na sociedade, privilegia existências e suas narrativas, determinando aqui o que pode ser a ilustração de uma certa comunidade” (Silva Junior, 2023, p. 116). Neste enquadramento, os homens

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

nordestinos são colocados como visto, sendo qualquer figura para além disso, vista como objetificada.

Nas músicas, não encontramos possibilidades outras dos homens se expressarem e viverem suas masculinidades para além do modelo esperado. Sempre heterossexuais, cantados em versos como “*e do laço que eu faço/não escapa nem mulher*” e “*o homem no contratempo/possui a mulher!*”, os homens nordestinos cantados por Zé Ramalho, e difundidos no dispositivo da nordestinidade que é “efeito de composições e de recomposições discursivas. Não é da ordem da essência e da natureza, mas da ordem da ficção e da cultura” (Maknamara, 2011, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um currículo nas músicas de Zé Ramalho, pois há uma difusão de discursos que produzem, e não apenas representam, qualidades, valores e princípios necessários na definição das masculinidades nordestinas. Estas canções, ressaltado, não estão isoladas, mas fazem parte de um grande dispositivo de nordestinidade (Maknamara, 2011), que também abriga personagens de novelas e da literatura, narrativas de cordel e imagens em materiais turísticos sobre o Nordeste.

A partir do momento em que determinados modos de ser homem são enquadrados em uma visibilidade social legitimada, um currículo-moldura se apresenta, operando na seleção de signos apropriados para que essas masculinidades sejam reconhecidas e tenham valor em uma dada cultura. Coragem, heterossexualidade e violência, são alguns dos atributos esperados e ensinados por este currículo, distinguindo-se de tudo aquilo que se espera das mulheres, dando provas de que os enunciados performativos, pela iterabilidade (Butler, 2018), produzem subjetividades, inventando, de forma ficcional, os trejeitos, vestes, performances, dos homens nordestinos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: a invenção do Nordeste. **Revista RAÍZES**, Campina Grande, ano XV, n. 12, p. 139-146, jan. 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ALVES, Maria das Dores Valente. **Gênero, Saúde e Sustentabilidade** em um encontro poético. Transfigurações da poesia de Bob Dylan e Zé Ramalho. **Travessias**, Cascavel, p. 138-148, dez. 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias – formas, ênfases e transformações**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning**: media, architecture, pedagogy. New York: Routledge, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOMES, Jandynéa de Paula Carvalho. **Do rock ao repente**: identidades híbridas nas canções de Zé Ramalho no contexto da década de 1970. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa, PB, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade**: o que ensina o forró eletrônico? Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

OLAVARRÍA, José. La investigación sobre masculinidades en América Latina. In: TORO-ALFONSO, José. **Lo masculino en evidencia**. Investigaciones sobre masculinidad. Porto Rico: Publicaciones Puertorriqueñas, 2009, p. 315-344.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. “Eu gosto mais das coisas que brilham!”: E se gênero fosse um Carnaval? **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 169-196, jan./jun. 2021.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. **A magia que seduz e nos faz sonhar...currículo-imagem e masculinidades nos cinemas latino-americanos**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.